

Língua Portuguesa, Linguagem e Linguística 2

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

ABC



 **Atena** Editora

Ano 2018

IVAN VALE DE SOUSA

(Organizador)

Língua Portuguesa, Linguagem e Linguística 2

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Edição de Arte e Capa: Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	Língua portuguesa, linguagem e linguística 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. 5.198 kbytes – (Língua Portuguesa; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-85107-12-3 DOI 10.22533/at.ed.123181308 1. Língua portuguesa. 2. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 410
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A identidade de um livro simboliza todos os pensamentos e discussões que se pretendem divulgar aos leitores. Quando escrevemos um texto, de certa forma, os nossos interlocutores nos auxiliam na maneira como as ideias serão organizadas na textualidade dos enunciados e nas finalidades que almejamos atingir.

Se nos convencêssemos de que todo plano textual está inserido nas finalidades de informar, formar, convencer e esclarecer algo aos nossos enunciatários, certamente a forma como enxergaríamos o texto e seus elementos constituintes seria ampliada na diversidade que a língua se realiza nos contextos sociais, pois, de certo modo, escrevemos sempre com objeções considerando um contexto e os saberes do nosso interlocutor.

Necessário sempre será discutir o discutível, refazer o que carece de ser refeito, sobretudo no contexto de produção do conhecimento, já que todo processo de aquisição do saber parte de uma das mais importantes e significativas funções da língua que é comunicação entre os sujeitos. Sempre comunicamos por meio do texto algo a alguém e às suas funções que necessitam ser clarificadas nos atos de dizer e produzir.

As comportas do conhecimento abertas pelas reflexões deste livro se revelam aos diferentes leitores, coadunando-se com a plenitude de como a linguagem assume seu único e verdadeiro objeto de interação entre os sujeitos. Comunicamos porque somos partes do ato comunicativo e com essa convicção é que comunicar representa nossos anseios, bem como os esforços de pesquisadores e estudiosos que apresentam e, ao mesmo tempo, revelam as possibilidades de democratização das questões referentes à linguagem com as metodologias e os planos culturais e de identidades nos usos da língua.

Para legitimar a relevância das discussões reveladas em cada texto presente neste livro, a constituição de um mosaico textual de ideais e concepções são apresentadas por seus autores que propõem socializar os diferentes discursos capazes de sustentar as construções feitas em torno do ensino de Língua Materna, embora os estudos apresentados no referido livro não tenham unicamente a discussão que reverbera o trabalho com processo de ensino e aprendizagem da língua no seu contexto de autonomia e competências, mas da compreensão de que a língua se adeque aos meios sociais e às manifestações culturais.

A legitimidade com que os pesquisadores debruçam suas investigações na produção de cada capítulo justifica-se na plenitude diversa como a língua se expande nos diversos contextos de realização. E na função de perceber que sempre há outras formas de refazer o próprio discurso à luz da diversidade com que a linguagem é que se produz em uma corrente processual e metastásica em que os leitores encontrarão trabalhos referentes ao estudo da palavra, ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, ao processo analítico de obras e textos literários, aos discursos formulados no imaginário cultural e às reflexões metodológicas de trabalho no contexto

escolar.

O todo deste livro se assemelha à construção de um grande quebra-cabeça em que só tem sentido quando são juntadas todas as suas peças na formulação do plano reflexivo capaz de constituir a relevância desta obra. São, pois, ao todo, dezoito trabalhos que transitam entre os contextos da linguagem, da linguística e das intervenções que estruturam o ensino de língua portuguesa e língua estrangeira nos mais variados contextos de aquisição. Sendo assim, uma síntese de cada texto com as marcas de seus autores pode ser revelada a seguir.

O primeiro capítulo, o pesquisador Ivan Vale de Sousa propõe algumas discussões que aproximam o trabalho com a utilização da pesquisa-ação aos procedimentos da sequência didática, que segundo ele são metodologias interacionistas no ensino da linguagem em que, ao mesmo tempo, rediscute como as implicações pedagógicas são capazes de aproximar os sujeitos *professor* e *aluno* da situação comunicativa com o desvelamento de três modelos de sequência didática elaborados à luz dos objetos didáticos no processo de didatização das práticas de linguagem.

As questões discutidas no segundo capítulo são de autorias de Genilda Alves Nascimento Melo, Andreia Quinto dos Santos e Célia Jesus dos Santos Silva, que rediscutem a necessidade do currículo à luz da docência como propostas de pertencimentos, servindo como requisitos fundamentais para o ensino de Língua Materna. No terceiro capítulo, as mesmas autoras com ordem diferente de apresentação das identidades, Célia Jesus dos Santos Silva, Genilda Nascimento Melo e Andreia Quinto dos Santos trazem à discussão o ensino de leitura e da função do suporte livro didático na instituição escolar de educação básica aproximando as reflexões.

Dóris Regina Mieth Dal Magro, no quarto capítulo, revisita as habilidades de leitura e escrita como eixos norteadores para o desenvolvimento do trabalho docente na disciplina de língua portuguesa à luz dos gêneros discursivos como alternativas eficazes na promoção do letramento e na autoria dos estudantes. O quinto capítulo, Nayara da Silva Camargo e Nilson Santos Trindade destacam os aspectos morfossintáticos da língua Tapayuna, especificamente no que se refere às relações pronominais focalizando ao leitor a compreensão desse processo.

No sexto capítulo, Luiz Antonio de Sousa Netto, Rafaela Cunha Costa e Stella Telles estudam a palavra fonológica na língua polissintética Latundê lançando luzes a algumas teorias apresentadas por estudiosos e ancoradas na concepção interacionista da linguagem. O sétimo capítulo, Maria do Perpétuo Socorro Conceição da Silva e Regina Célia Ramos de Almeida apresentam as marcas de oralidade na escrita compreendendo os processos de monotongação e apagamento do [R] final, no contexto de aplicabilidade e intervenção com alunos do ensino médio.

Thays Trindade Maier, no oitavo capítulo, apresenta um relato de experiências com atividades de leitura da literatura infantil, com a finalidade de despertar e promover a competência leitora no ambiente escolar. No nono capítulo, as autoras Katharyni Martins Pontes, Thaís Pereira Romano e Rita de Nazareth Souza Bentes apresentam o

letramento literário como instrumentalização no ensino de alunos surdos e rediscutem a relevância da acessibilidade do aluno surdo ao contexto literário.

No décimo capítulo, Myriam Crestian Cunha e Walkyria Magno e Silva partem do desenvolvimento disciplinar, refletindo os impactos na formação inicial do professor, além de discutir as estratégias metacognitivas na análise de novas propostas metodológicas no aprendizado de línguas estrangeiras. As reflexões que enfocam o décimo primeiro capítulo, Adriane do Socorro Miranda e Polyana Cunha Campos relatam as contribuições do Projeto Pibid no processo de formação inicial de professores de português como Língua Materna, em que os sujeitos participantes emitem suas convicções na função de bolsistas.

No décimo segundo capítulo, Larissa Rizzon da Silva revela como os fatores socioculturais e identitários são relevantes no processo de reabilitação do afásico, em que as discussões se concentram no contexto de socialização do sujeito com a linguagem. O décimo terceiro capítulo, a simbiose do bumba-meu-boi do Maranhão é tematizada nas reflexões de Joaquim de Oliveira Gomes sob a ótica do discurso e da sustentabilidade em que são propostas as aproximações entre a análise dos discursos à luz das toadas com as questões de sustentabilidade capazes de perpetuar a relevância da manifestação.

Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset, no décimo quarto capítulo, investiga as (des)construções do imaginário de ensino de língua portuguesa na formação superior da graduação em Direito lançando luzes para as vertentes e os saberes linguísticos na concepção da análise do discurso (AD). O décimo quinto capítulo, autoria de Katia Cristina Schuhmann Zilio, os sentidos digitais são discutidos como aproximações do uso da tecnologia na educação propondo questões que são respondidas ao longo das reflexões inseridas no texto.

No décimo sexto capítulo, Priscila Ferreira Bentes passeia entre as páginas da narrativa tecida pelo escritor Benedicto Monteiro, descrevendo o movimento de religiosidade no Círio de Nossa Senhora de Nazaré, além disso, a autora do capítulo aproxima as discussões entre literatura e antropologia com toda a riqueza literária presente na obra utilizada como *corpus* de análise. No décimo sétimo capítulo, Margarida da Silveira Corsi e Gilmei Francisco Fleck analisam a dialogia romanesca atentando-se para as releituras do perfil de uma cortesã, esclarecendo que a imbricação das análises culmina para a estruturação do cordel como uma das marcas da brasilidade.

Edvaldo Santos Pereira e Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões, no décimo oitavo e último capítulo, revelam a urbanidade poética como fonte de inspiração e análise, em parte, do poema *Belém e seu poema*, de Bruno Menezes e readmitem que as imagens criadas no gênero literário partem dos múltiplos olhares do cotidiano.

Ao apresentar aos leitores uma síntese do que pode ser encontrado em cada trabalho que compõe este livro, esperamos que as reflexões contribuam com o processo de ampliação do letramento literário, da metodologia de investigação com a linguagem, lance luzes a outros questionamentos e flexibilize a forma de pensar o

ensino de Língua Materna em uma construção de continuidade. Além disso, sabemos ainda que as discussões, doravante, demonstradas podem, de certa forma, ampliarem-se nos mais diversos contextos de aprendizagem em que o leitor transite o caminho também de produtor de outros discursos.

Prof. Me. Ivan Vale de Sousa

Organizador.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
METODOLOGIAS INTERACIONISTAS EM QUESTÃO: PESQUISA-AÇÃO E SEQUÊNCIA DIDÁTICA NO ENSINO DA LINGUAGEM	
<i>Ivan Vale de Sousa</i>	
CAPÍTULO 2	13
'DOCÊNCIA: CURRÍCULO E PERTENCIMENTO – REQUISITOS BÁSICOS PARA O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA	
<i>Genilda Alves Nascimento Melo</i>	
<i>Andreia Quinto dos Santos Célia dos Santos Silva</i>	
CAPÍTULO 3	28
O ENSINO DA LEITURA E O LIVRO DIDÁTICO NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA	
<i>Célia Jesus dos Santos Silva</i>	
<i>Genilda Alves Nascimento Melo</i>	
<i>Andreia Quinto dos Santos</i>	
CAPÍTULO 4	44
LEITURA, ESCRITA E A MEDIAÇÃO DOCENTE NA CONSTITUIÇÃO DA AUTORIA DOS ESTUDANTES	
<i>Dóris Regina Mieth Dal Magro</i>	
CAPÍTULO 5	56
ASPECTO MORFOSSINTÁTICOS DA LÍNGUA TAPAYUNA (JÊ): ELEMENTOS PRONOMINAIS	
<i>Nayara da Silva Camargo</i>	
<i>Nilson Santos Trindade</i>	
CAPÍTULO 6	75
ESTUDOS SOBRE A PALAVRA FONOLÓGICA NA LÍNGUA POLISSINTÉTICA LATUNDÊ (NAMBIKWÁRA DO NORTE)	
<i>Luiz Antonio de Sousa Netto</i>	
<i>Rafaela Cunha Costa</i>	
<i>Stella Telles</i>	
CAPÍTULO 7	85
MARCAS DA ORALIDADE NA ESCRITA: UM ESTUDO SOBRE MONOTONGAÇÃO E APAGAMENTO DO [R] NO ENSINO MÉDIO	
<i>Maria do Perpétuo Socorro Conceição da Silva</i>	
<i>Regina Célia Ramos de Almeida</i>	
CAPÍTULO 8	104
RELATO DE EXPERIÊNCIA APLICADAS NA PRÁTICA DE ENSINO COMO ESTÍMULO A LEITURA	
<i>Thays Trindade Maier</i>	
CAPÍTULO 9	114
LETRAMENTO LITERÁRIO: INSTRUMENTOS E ESTRATÉGIAS NO ENSINO DE ALUNOS SURDOS	
<i>Katharyni Martins Pontes</i>	
<i>Thaís Pereira Romano</i>	
<i>Rita de Nazareth Souza Bentes</i>	
CAPÍTULO 10	124
O IMPACTO DA DISCIPLINA “APRENDER A APRENDER LÍNGUAS ESTRANGEIRAS” NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR: ESTRATÉGIAS METACOGNITIVAS EM ANÁLISE	
<i>Myriam Crestiam Cunha</i>	
<i>Walkyria Magno e Silva</i>	

CAPÍTULO 11	139
AS CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO PIBID NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOB A ÓTICA DOS BOLSISTAS	
<i>Adriane do Socorro Miranda</i> <i>Polyana Cunha Campos</i>	
CAPÍTULO 12	150
A RELEVÂNCIA DOS FATORES SOCIOCULTURAIS E IDENTITÁRIOS NO PROCESSO DE REABILITAÇÃO DO AFÁSICO	
<i>Larissa Rizzon da Silva</i>	
CAPÍTULO 13	159
DISCURSO E SUSTENTABILIDADE NO AUTO DO BUMBA-MEU-BOI DO MARANHÃO	
<i>Joaquim de Oliveira Gomes</i>	
CAPÍTULO 14	169
FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DO IMAGINÁRIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM GRADUAÇÃO DE DIREITO	
<i>Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset</i>	
CAPÍTULO 15	184
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO: SENTIDOS DO DIGITAL	
<i>Katia Cristina Schuhmann Zilio</i>	
CAPÍTULO 16	198
DAS PÁGINAS LITERÁRIAS À EXPERIÊNCIA ANTROPOLÓGICA:UMA VIAGEM N'O CARRO DOS MILAGRES DE BENEDICTO MONTEIRO	
<i>Priscila Ferreira Bentes</i>	
CAPÍTULO 17	208
DA CAMÉLIA AO MANDACARU: RELEITURAS DO PERFIL DE UMA CORTESÃ	
<i>Margarida da Silveira Corsi</i> <i>Gilmei Francisco Fleck</i>	
CAPÍTULO 18	227
A URBANIDADE POÉTICA DE BRUNO DE MENEZES EM “BELÉM E O SEU POEMA”	
<i>Edvaldo Santos Pereira</i> <i>Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões</i>	
SOBRE O ORGANIZADOR	233

ASPECTO MORFOSSINTÁTICOS DA LÍNGUA TAPAYUNA (JÊ): ELEMENTOS PRONOMINAIS

Nayara da Silva Camargo

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
(UNIFESSPA), Instituto de Estudos do Xingu
(IEX);
São Félix do Xingu – PA.

Nilson Santos Trindade

Universidade Federal do Pará (UFPA), Instituto de
Ciências Biológicas (ICB)
Belém – PA.

RESUMO: Este trabalho trata de aspectos morfossintáticos da língua Tapayuna, especificamente, sobre as relações pronominais. A língua Tapayuna pertencente ao Tronco Macro - Jê, família Jê, falada por um povo de mesmo nome que vive em uma aldeia chamada Kawêrêtxikô, situada ao norte do Mato – Grosso, na Terra Indígena Kapôt – Jarina (MT), às margens do rio Xingu. Além da descrição desses aspectos morfossintáticos, o trabalho também traz alguns resultados da pesquisa sociolinguística deste povo e sua língua. A análise baseia-se em dados coletados em trabalho de campo junto aos falantes *in-loco*, bem como em resultados de pesquisa bibliográfica sobre a história e cultura do povo Tapayuna. Com base em uma abordagem Funcional – Tipológica foi possível descrever aspectos da morfossintaxe da língua Tapayuna, como por exemplo: aspectos sobre

a classe de palavras, sobre a estrutura das orações independentes, sobre coordenação; além da descrição da marcação de caso existente no Tapayuna. Este capítulo tratará de aspectos pronominais da língua Tapayuna, especificamente. Desde o início da pesquisa, a mesma sempre se realizou em duas partes: (i) a primeira tratando sobre a documentação histórica, sociocultural, sociolinguística do povo e da língua Tapayuna e a classificação da língua dentro do Tronco linguístico Macro - Jê (ii) a segunda parte apresentando a descrição dos aspectos descritivos da língua Tapayuna.

PALAVRAS-CHAVE: línguas indígenas; língua Tapayuna, morfossintaxe; elementos pronominais; sociolinguístico.

ABSTRACT: This work deals with morphosyntactic aspects of the Tapayuna language, specifically, on pronominal relations. The Tapayuna language belonging to the Macro - Jê Trunk, Jê family, spoken by a group of people of the same name living in a village called Kawêrêtxikô, located north of Mato Grosso, in the Kapôt - Jarina Indigenous Territory (MT), on the banks of the Xingu river. Besides the description of these morphosyntactic aspects, the work also brings some results from the sociolinguistic research of this people and their language. The analysis is based on data collected in field work with *in-loco* speakers, as

well as results of bibliographic research on the history and the culture of the Tapayuna people. Based on a Functional - Typological approach, it was possible to describe aspects of the Tapayuna morphosyntax, for example: aspects about the class of words, about the structure of independent sentences, about coordination; besides the description of the case marking in the Tapayuna. This chapter will deal with pronominal aspects of the Tapayuna language, specifically. Since the beginning of the research, it has always been carried out in two parts: (i) the first one dealing with the historical, sociocultural, sociolinguistic documentation of the people and the Tapayuna language and the classification of the language within the Macro - Jê linguistic trunk (ii) the second part describing the descriptive aspects of the Tapayuna language.

KEYWORD: indigenous languages; Tapayuna language, morfossintaxe; pronominal elements; sociolinguistic

1 | INTRODUÇÃO

No Brasil, o notável declínio do número de línguas indígenas, desde a chegada dos portugueses, aconteceu principalmente em áreas que foram colonizadas há mais tempo e mais intensamente, como o Sudeste, o Nordeste e a região Sul do País. Entre as causas da drástica redução das línguas indígenas dessas regiões incluem-se as campanhas de extermínio, a escravização, as epidemias, muitas das quais eram difundidas propositalmente (RIBEIRO, 1977; MELATTI, 1970; CUNHA, 1992). O processo de desaparecimento continua em curso, agravado pelo incremento crescente do contato com não-índios que buscavam a abertura de estradas, extração de minérios, etc.

No que se refere às línguas ainda faladas no Brasil, pelo menos 21% delas estão seriamente ameaçadas de desaparecer em curto prazo, devido ao número reduzido de falantes e à baixa taxa de transmissão para as novas gerações (MOORE, GALUCIO e GABAS Jr., 2008).

Portanto, a documentação e o estudo das línguas indígenas brasileiras são tarefas urgentes e relevantes, tanto sob o ponto de vista social, quanto sob o ponto de vista acadêmico. No que tange o ponto de vista social, o registro e documentação dessas línguas trazem uma importante contribuição para seus falantes, propiciando a valorização da língua e da cultura aumentando a autoestima dos falantes da língua e estimulando-os a mantê-las vivas. Já para a academia, os estudos das línguas indígenas brasileiras são de grande importância, pois contribuem para o avanço para a Ciência da Linguagem em geral, da Tipologia Linguística, de Linguística Histórico-Comparativa, da Sociolinguística e da Linguística Aplicada.

O objetivo maior desta pesquisa é descrever aspectos morfossintáticos das relações pronominais de uma língua indígena brasileira - o Tapayuna. Porém para esta descrição foi necessário documentar aspectos da história, da cultura e da situação sociolinguística da comunidade, onde a língua é falada.

O trabalho de descrição de qualquer língua, em especial a língua Tapayuna, é importante para o conhecimento de outras características linguísticas as quais, normalmente, não pertencem àquelas conhecidas por falantes de línguas provenientes do tronco Indo-Europeu.

2 | METODOLOGIA DE PESQUISA

A análise e descrição dos aspectos morfossintáticos da língua Tapayuna apresentadas neste trabalho basearam-se na abordagem funcional-tipológica que se utiliza da metodologia habitual da Linguística Descritiva. Tal metodologia aborda sobre as generalizações dos fatos, tendo em vista o seu objetivo principal que é atingir uma descrição mais exata da língua pesquisada, pois tais fatos não podem ser ignorados por nenhum modelo teórico gramatical. Desta forma, esse método de pesquisa analisa os fenômenos linguísticos em seus próprios termos, dando atenção às generalizações tipológicas e “*cross-linguistic*” (NICHOLS e WOODBURY, 1997). Os principais teóricos utilizados foram Shopen (2007), Givón (1984), Aikhenvald (2003), Dixon (1979, 1994), Comrie (1989), Payne (1997) e Baht (2004).

Valemo-nos também de trabalhos de descrição de línguas indígenas brasileiras como os de: Seki (1989, 1984, 1999, 2000) sobre a língua Kamaiurá, Santos (1997, 1999) referente à língua Kísêdjê, Ferreira (2003) sobre a língua Parkatêjê, Alves (2004) sobre a língua Apãniekra, Oliveira (2008), sobre a língua Apinajé, Dourado (2001), sobre a língua Panará e Salanova (2001), sobre os Mêbêgokre, Camargo (2010, 2015, 2017) sobre a língua Tapayuna.

A coleta de dados para investigação da língua se baseou nas práticas explicitadas na literatura linguística acerca do trabalho de campo em Kibrik (1977) e Payne (1997), dentre outros. O trabalho de campo envolveu: (01) elicitación de dados com os auxiliares; (02) transcrição dos dados; (03) verificação dos dados já coletados e coleta de novos dados e (04) processamento e análise dos dados.

Os dados para esta pesquisa foram elicitados no período de 2010 – 2013 na aldeia Kawêrêtxikô e Piraçu foi realizada através de questionários previamente elaborados. Todas estas elicitaciones foram registradas em gravador digital (modelo: Sony PX312) e transcritos juntamente com os auxiliares Tapayuna na aldeia. Posteriormente as gravações foram repassadas para o computador no programa *Sound Organizer - Sony* (versões 1.4 e 1.5) e os dados transcritos foram digitados no programa *Word* na fonte *Ipa-Kiel e Guarani Roman*.

As informações para a pesquisa sociolinguística basearam-se em conversas como os tapayunas mais velhos e materiais bibliográficos, como por exemplo, os Laudos Antropológicos de Léa (1997) e Franquetto (2000); o Almanaque (2011) e a obra do historiador Cunha (1992) e os trabalhos de Camargo (2010, 2015, 2014 e 2017).

3 | REVISÃO DA LITERATURA

Por meio de estudos e dos relatos de viagens realizadas por antropólogos e missionários, obtivemos informações de que os Tapayuna eram conhecidos por “*Beijos de Pau*” por utilizarem “botoque” de madeira no lábio. Kàtykhritxi foi o último Tapayuna a utilizar tal adorno.

Vejamos o que foi dito em umas das reportagens do “Jornal do Brasil” na época da “pacificação” dos índios:

“Os índios Beijo-de-Pau são assim chamados pelos civilizados em razão do pedaço de madeira que os homens usam no lábio inferior. Para tanto, eles na adolescência dão um corte em baixo da boca e introduzem ali o pedaço de pau trabalhado e formando uma circunferência. E é em torno desta madeira que ficam seus lábios. De início a madeira é pequena, mas depois com o relaxamento da pele, músculos e nervos do beijo, eles introduzem madeiras maiores de até três centímetros de raio. Fazem a mesma coisa com a parte inferior da orelha, no entanto só as mulheres usam permanentemente esse adorno. Os rapazes e velhos raramente”. (Jornal do Brasil, 1969).

Atualmente, A língua Tapayuna é falada por menos de 20 pessoas que habitam a aldeia Kawêrêtxikô-MT, localizada à margem esquerda do rio Xingu dentro da Terra Indígena Kapôt-Jarina. Além desses falantes, ela é falada por representantes Tapayuna (número não conhecido) que vivem na aldeia do povo Suyá, denominada Ngôsôgô (MT), situada na Terra Indígena do Xingu.

Em consequência das tragédias ocorridas com o povo Tapayuna, sua língua ancestral foi drasticamente afetada. De acordo com Camargo (2015) Seeger (1980) afirma que os Suyá Orientais (Kisêdjê ou Suyá) falavam uma língua virtualmente idêntica à dos Suyá Ocidentais (os Tapayuna). No entanto, existem evidências de que essas duas línguas, ao mesmo tempo em que são próximas, apresentam diferenças.

O que se percebe é que os Tapayuna têm demonstrado um grande interesse em conservar sua língua tal qual como era. Porém esta não é uma tarefa fácil depois de tantos anos de convivência com povos de maior população (Kisêdjê e Mêbêngôkre) e que falam línguas geneticamente aparentadas e próximas entre si.

Os dados coletados de campo de Camargo (2010), para análise dos fonemas em Tapayuna comprovam que os falantes estavam substituindo elementos da sua língua por elementos da(s) outra(s) línguas mais próximas (Mebengôkhre e Kisêdjê). Nessa época verificou-se que a interferência de uma dessas línguas no Tapayuna correlaciona-se com o local de residência dos falantes. Atualmente os falantes de Tapayuna tornaram-se mais precavidos ao falarem sua língua supervalorizando as diferenças existentes entre sua língua materna e o Mêbêngôkre e o Kisêdjê.

As, aproximadamente, 180 línguas indígenas brasileiras são geneticamente classificadas em famílias e troncos linguísticos. Conforme classificação de Rodrigues (1986), essas línguas se distribuem em: dois grandes troncos linguísticos: (01) o tronco Tupi, com seis famílias e três línguas (Mawé, Aweti e Purubora) e o tronco Macro-Jê, com cinco famílias e quatro línguas (Guató, Ofayé, Rikbaktsá e Yatê); (02)

duas famílias linguísticas de grande porte (Aruák e Karíb); (03) dez famílias menores (Guaikurú, Mura, Katukína, Nambikwára, Txapakúra, Páno, Tukáno, Makú e Yanomami e Arawá); (04) dez línguas isoladas (Aikanã, Arikapú, Awakê, Kanoê, Koaiá, Irântxe, Jabutí, Makú, Trumai e Tikúna).

Tratamos aqui mais detalhadamente do Tronco Macro-Jê e da Família Jê, na qual se inclui a língua Tapayuna, objeto do estudo. Existem várias propostas de classificação de línguas do Tronco Macro-Jê comentadas por Rodrigues: Guérios (1939); Loukotka (1966); Mason (1950); Nimuendajú (1945 [1980]); Greenberg (1987); Kaufman (1990, 1994); Campbell (1997), entre outros. Para um histórico e referências bibliográficas, veja-se Rodrigues (1999).

Conforme Rodrigues (1986) as evidências para a classificação do Tronco Macro-Jê são menos claras em relação àquelas do Tronco Tupi. O mencionado autor inclui no Tronco Macro-Jê cinco famílias e quatro línguas: (01) as famílias são a Bororo, Botocuto; Jê; Karajá; Maxacali; (02) o Guató; o Ofayé, Rikbaktsá e Yatê são as línguas do Tronco Macro-Jê.

Em trabalho posterior (RODRIGUES, 1999), o autor mantém basicamente a classificação acima, com algumas alterações. São incluídas três famílias de línguas já extintas (Kamakã, Puri, Kariri), e as línguas Guató, Ofayé, Rikbaktsá e Yatê são consideradas como famílias.

Seki (2002) apresenta evidências de que o Botocudo (Borum) é um membro da família Jê e não uma família separada.

A família de maior porte do Tronco Macro-Jê é a Jê, cujas línguas são faladas principalmente em regiões de campos e cerrados, as quais se estendem desde o sul do Pará e do Maranhão, passando pelos Estados de Goiás e Mato Grosso até os campos meridionais dos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Um trabalho feito por Davis (1966) constituiu o ponto de partida para estudos comparativos de línguas da família Jê. Na classificação de Davis (1996), baseada em dados de cinco línguas (Apinayé, Canela, Xavante, Kaingang e Suyá), já se encontra a colocação de que elas representam os três maiores grupos da família, a saber: o Setentrional, o Central e o Meridional (SANTOS, 2002: 8).

O artigo de Rodrigues e Van Der Voort (2010) confirma a hipótese de Nimuendajú (2000 [1935]) de que a família Jabutí pertence ao Tronco Macro-Jê. Este estudo foi baseado na análise de novos dados das línguas Arikapú e Djeoromitxí.

As mesmas divisões realizadas por Davis (1966) aparecem na classificação de Rodrigues (1999: 167), abrangendo um maior número de línguas. A língua Tapayuna, que no quadro de Rodrigues (1999) havia sido classificada entre parênteses logo após a língua Kisêdjê (Suyá), foi por nós incluída separadamente do Kisêdjê e classificada como uma língua independente. Esta divisão foi realizada pelo fato de os Tapayuna serem um povo independente do povo Kisêdjê (Suyá), pois os Tapayuna moram em sua própria aldeia, apresentam seus próprios costumes e sua própria língua.

Do quadro de Rodrigues (1999) excluimos as línguas mortas e os dados demográficos. Esta classificação de línguas Jê vem apresentada no quadro 1 a seguir:

Jê Setentrional	
	Localização
Timbira (incluindo Canela Ramkokamekrã, Canela Apanyekrã, Gavião Piokobjê, Gavião Parkatejê, Krinkatí, Krahô, Krenjê)	Maranhão, Pará, Tocantins
Apinajé	Norte do Tocantins
Mêbêngôkre (Kayapó) (incluindo A'ukré, Gorotíre, Kararaô, Kikretum, Kokraimôro, Kubenkrankên, Menkrangnotí, Mentuktíre, Xikrin)	Pará e Mato Grosso
Panará / Kren-akarôre	Área Indígena Panará (Norte do Mato Grosso e Sudeste do Pará)
Suyá	Parque Indígenas do Xingu (Mato Grosso)
Tapayuna	Terra Indígena Kapôt - Jarina (Mato Grosso)
Jê Central	
Xavante	Sudeste do Mato Grosso (antigamente habitavam a parte ocidental e norte de Goiás)
Xerente	Tocantins
Jê Meridional	
Kaingáng (incluindo K. São Paulo; K. Paraná; K. Central; K. Sudoeste; K. do Sudeste)	São Paulo; Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul.
Xokléng	Santa Catarina

Quadro 1: Classificação das línguas da família Jê com base em Rodrigues, 1999.

Em Rodrigues (1986), verifica-se a hipótese de que as línguas Suyá, Panará (antes conhecida como Kren-akarôre) e Tapayuna estão estreitamente aparentadas com o Kayapó.

Entretanto, o Panará é a mais diferenciada dessas línguas (DOURADO, 2001), sendo as outras - Kayapó, Suyá e Tapayuna - mais próximas entre si. O quadro Na classificação de Rodrigues (1999) o Tapayuna é classificado juntamente à língua Kisêdjê. O quadro 4 apresentado acima traz o Tapayuna em um lugar distinto, com

localização distinta daquela em Rodrigues (1999).

4 | METODOLOGIA DE PESQUISA

A análise e descrição dos aspectos morfossintáticos da língua Tapayuna apresentadas neste trabalho basearam-se na abordagem funcional-tipológica que se utiliza da metodologia habitual da Linguística Descritiva. Tal metodologia aborda sobre as generalizações dos fatos, tendo em vista o seu objetivo principal que é atingir uma descrição mais exata da língua pesquisada, pois tais fatos não podem ser ignorados por nenhum modelo teórico gramatical. Desta forma, esse método de pesquisa analisa os fenômenos linguísticos em seus próprios termos, dando atenção às generalizações tipológicas e “*cross-linguistic*” (NICHOLS e WOODBURY, 1997). Os principais teóricos utilizados foram Shopen (2007), Givón (1984), Aikhenvald (2003), Dixon (1979, 1994), Comrie (1989), Payne (1997) e Baht (2004).

Valemo-nos também de trabalhos de descrição de línguas indígenas brasileiras como os de: Seki (1989, 1984, 1999, 2000) sobre a língua Kamaiurá, Santos (1997, 1999) referente à língua Kisêdjê, Ferreira (2003) sobre a língua Parkatêjê, Alves (2004) sobre a língua Apãniekra, Oliveira (2008), sobre a língua Apinajé, Dourado (2001), sobre a língua Panará e Salanova (2001), sobre os Mêbêgokre, Camargo (2010, 2015, 2017) sobre a língua Tapayuna.

A coleta de dados para investigação da língua se baseou nas práticas explicitadas na literatura linguística acerca do trabalho de campo em Kibrik (1977) e Payne (1997), dentre outros. O trabalho de campo envolveu: (01) elicitación de dados com os auxiliares; (02) transcrição dos dados; (03) verificação dos dados já coletados e coleta de novos dados e (04) processamento e análise dos dados.

Os dados para esta pesquisa foram elicitados no período de 2010 – 2013 na aldeia Kawêrêtxikô e Piaraçu foi realizada através de questionários previamente elaborados. Todas estas elicitaciones foram registradas em gravador digital (modelo: Sony PX312) e transcritos juntamente com os auxiliares Tapayuna na aldeia. Posteriormente as gravações foram repassadas para o computador no programa *Sound Organizer - Sony* (versões 1.4 e 1.5) e os dados transcritos foram digitados no programa *Word* na fonte *Ipa-Kiel* e *Guarani Roman*.

As informações para a pesquisa sociolinguística basearam-se em conversas como os tapayunas mais velhos e materiais bibliográficos, como por exemplo, os Laudos Antropológicos de Léa (1997) e Franquetto (2000); o Almanaque (2011) e a obra do historiador Cunha (1992) e os trabalhos de Camargo (2010, 2015, 2014 e 2017).

5 | ANÁLISES DOS RESULTADOS

Uma das características gerais dos elementos pronominais é que eles desempenham funções sintáticas similares aos nomes. Porém não podem ser considerados nomes por constituírem uma classe fechada e pelo tipo de referência que expressam.

Segundo Schachter e Shopen (2007: 24), as *pró-formas* são aqueles termos que exercem o papel de substituto de palavras que pertencem às classes abertas, tais como nome, verbo, adjetivo, ou outros constituintes maiores. Para estes autores, a classe de pronomes é considerada o tipo mais comum de *pró-formas* e se subdivide em: pessoais, reflexivos, recíproco, demonstrativos, indefinidos, relativos e interrogativos.

Bhat (2004: 4) afirma que os elementos pronominais são classificados em dois grupos: o grupo dos pronomes pessoais e o das *pró-formas*. Esta classificação decorre de algumas distinções entre estes dois grupos: (i) os **pronomes pessoais** são utilizados para se referir ao falante (1ª pessoa) e ao ouvinte (2ª pessoa), e estão geralmente associados à marcação de caso; (ii) as **pró-formas** são termos gerais utilizados para diferentes funções, como por exemplo: a determinação de um participante no evento; a função de remeter o participante para outra expressão, ou para outra oração que ocorra em um enunciado.

5.1 Elementos pronominais do Tapayuna

Neste trabalho, mesmo com o conhecimento das distinções entre pronomes pessoais e *pró-formas*, decidimos não dividir a classe de pronomes nos grupos propostos. Desta forma os elementos pronominais em Tapayuna são:

- pronomes pessoais
 - a. pronomes independentes
 - b. pronomes dependentes
 - reflexivo
 - recíproco
 - demonstrativos
 - indefinidos
 - interrogativos

A seguir, trataremos de cada um destes subtipos.

5.1.1 *Pronomes Pessoais*

São itens utilizados para se referir ao falante, ao ouvinte ou a coisas sobre as quais falantes e ouvintes falam. Segundo Givón (1984: 98), os pronomes pessoais

pertencem a um grupo de elementos contidos em uma classe menor, a qual engloba os elementos mais específicos das línguas. O autor propõe que esses pronomes podem ser encontrados nas línguas como pronomes independentes e dependentes (clíticos e prefixos). Para ele, os pronomes independentes são acentuados, enfáticos, tem forma livre e ocupam um lugar específico dentro de uma oração. Os pronomes dependentes não são enfáticos, ou seja, apresentam formas átonas que podem ocorrer, ou como prefixos, ou como clíticos dentro das orações.

Segundo Payne (1997: 62) os pronomes pessoais se distinguem da seguinte forma: a primeira pessoa refere-se ao falante, a segunda pessoa, ao ouvinte e a terceira refere-se a qualquer pessoa, exceto o falante. O autor (*op. cit.*) também afirma que existe, em várias línguas do mundo, a distinção entre pronome inclusivo e exclusivo: a 1ª pessoa do plural inclusiva que se refere ao falante e ao ouvinte podendo, ou não, incluir um terceiro e a 1ª pessoa do plural exclusiva que inclui o falante e o terceiro, porém exclui o ouvinte.

O autor (*op. cit.*) aborda os diferentes tipos de variação dentro da classificação de número nos pronomes, afirmando que o mais comum é a distinção entre o singular e o plural; porém existem línguas com distinção menos comum (na qual o Tapayuna se insere) que seria entre singular, dual, paucal e plural. Outra classificação mais rara seria aquela em que as línguas marcam o singular, dual, plural e plural. Não encontramos marca para 3ª pessoa na língua.

A partir destas considerações faremos a análise dos pronomes pessoais em Tapayuna.

Pronomes Pessoais Independentes

A série de pronomes independentes da língua Tapayuna diferencia duas pessoas, a 1ª pessoa e a 2ª pessoa e quatro números – singular, dual, paucal e plural. A 1ª pessoa do plural apresenta duas formas (i) a exclusiva - referente ao falante e a um terceiro, excluindo quem ouve e (ii) a inclusiva - referente ao falante e ao ouvinte.

Segundo Camargo (2015), os pronomes independentes da língua Tapayuna estão reunidos no quadro abaixo:

		INDEPENDENTES
SINGULAR	1ª pessoa	wa
	2ª pessoa	ka
	3ª pessoa	∅
DUAL	1+2	ko
PLURAL	1ª pessoa inclusiva	kowa
	1ª pessoa exclusiva	ajwa
	2ª pessoa	ajka
	3ª pessoa	∅
PAUCAL	1ª pessoa	waj
	2ª pessoa	kaj

Quadro 2: Pronomes independentes da língua Tapayuna.

Os pronomes independentes na língua Tapayuna ocorrem com as seguintes funções: (01) ocorrem como sujeito de orações verbais (intransitivas (**Sa** e **So**) e em orações transitivas (**A**)) de orações não verbais e de orações com o elemento cópula. Tais pronomes se diferenciam dos nomes devido não ocorrerem como objeto de orações transitivas e não ocuparem o lugar de núcleo do objeto de posposição. A seguir o funcionamento desses pronomes nas orações:

Os pronomes independentes ocorrem como sujeito de orações intransitivas e transitivas. Nessas orações uma primeira forma do pronome ocorre topicalizada e a segunda, marca geralmente idêntica ou assemelhada ao sujeito da oração, assim como nos exemplos abaixo:

- (01) a) **wa** -n **wa** i- ɲgo
 1SG TOP 1SG 1SG molhar
 'eu estou molhado' / Lit.: 'eu, eu estou molhado'
- b) **ajwa** -n **wa** kwəɾəkuru khɾe?
 1PL_e TOP 1SG macaxeira comer
 'nós comemos macaxeira' / 'Lit.: nós, nós estamos molhados'
- c) **ka** -t **ka** a- ɲghɾe
 2SG TOP 2SG 2SG dançar
 'você dançou' / Lit.: 'você, você dançou'
- d) **ajka** -t **ka** witʃi wi?
 2PL TOP 2SG jacaré matar
 'vocês, mataram jacaré' / Lit.: 'vocês, você mataram jacaré'

Os exemplos acima, além de mostrarem a ocorrência dos pronomes independentes como sujeito de orações, mostram também a concordância em número entre as formas dos pronomes independentes marcadores de tópico e os marcadores de sujeito. Abaixo trataremos desta concordância detalhadamente.

Nas orações abaixo em que os pronomes independentes topicalizados ocorrem no singular, o pronome independente indicador de sujeito também será expresso no singular (exemplos [(02 - a) e (02 - b)]).

Já nas orações em que o tópico é marcado por pronome independente no plural temos uma relação de concordância mais complexa com as formas de pronome independente que marcam o sujeito da oração.

Quando o tópico é codificado por pronome independente de 1ª pessoa plural exclusiva {**ajwa**} a marca de sujeito é codificada com o pronome independente de 1ª pessoa singular {**wa**}. Esta ocorrência se repete quando o tópico é marcado por pronome independente de 2ª pessoa plural {**ajka**}, pois o sujeito é marcado com o pronome independente de 2ª pessoa singular {**ka**}. Vemos estas ocorrências nos dados retomados do exemplo anterior:

- (02) a) **ajwa** -n **wa** kwəɾəkuru khre?
 1PL_e TOP 1SG macaxeira comer
 'nós, comemos macaxeira / Lit.: nós, nós comemos macaxeira'
- b) **ajka** -n **ka** wiŋji wi?
 2PL TOP 2SG jacaré matar
 'vocês, mataram jacaré / Lit.: vocês, você mataram jacaré'

Nas ocorrências em que o pronome independente no plural inclusivo {**kowa**} exerce a função de tópico, o sujeito pode ser expresso por pronome independente no dual {**ko**} e no paucal {**waj** e **kaj**}.

- (03) a) **kowa** -t **ko** wiŋji wi?
 1PL_i TOP 1+2 jacaré matar
 'nós matamos jacaré' / Lit.: 'nós, nós (eu e você) matamos jacaré'
- b) **kowa** -t **ko** [akatji itha kã] wəj
 1PL_i TOP 1+2 hoje chegar
 'nós chegamos hoje' / Lit.: 'nós, nós (eu e você) chegamos hoje'

A ocorrência do sujeito codificado por pronome independente de 1ª pessoa paucal {**waj**} implica em duas possibilidades de ocorrência para o tópico este ocorre marcado, tanto por pronome independente de 1ª pessoa do plural inclusiva {**kowa**}, quanto por pronome independente de 1ª pessoa exclusiva {**ajwa**}.

- (04) a) **kowa** -n **waj** weŋgere waj ro jɪ?
 1PL_i TOP 1PAUC música ouvir CAUS V.POSIC.
 'nós ouvimos música' / Lit.: 'nós, nós (poucos) ouvimos música'
- b) **ajwa** -n **waj** weŋgere waj ro jɪ?
 1PL_e TOP 1PAUC música ouvir CAUS V.POSIC.
 'nós ouvimos música' / Lit.: 'nos, nós (poucos) ouvimos música'

O sujeito codificado por pronome independente de 2ª pessoa paucal {**kaj**} implica um tópico marcado por pronome independente de 2ª pessoa plural {**ajka**}. Segue o exemplo:

- (05) **ajka** -t **kaj** weŋgere waj ro jɪ?
 2PL TOP 2PAUC música ouvir CAUS V.POSIC.
 'vocês estão ouvindo música' / Lit.: 'vocês, vocês (poucos) estão ouvindo música'

Para melhor visualização destas ocorrências apresentamos o quadro abaixo:

CONCORDÂNCIA ENTRE AS FORMAS DOS PRONOMES INDEPENDENTES NO SINGULAR	
TÓPICO SINGULAR	SUJEITO SINGULAR
wa (1ª pessoa)	wa (1ª pessoa)
ka (2ª pessoa)	ka (2ª pessoa)
∅ (3ª pessoa)	∅ (3ª pessoa)
CONCORDÂNCIA ENTRE AS FORMAS DOS PRONOMES INDEPENDENTES NO PLURAL	
TÓPICO PLURAL	SUJEITO
kowa (1ª pessoa inclusiva)	ko (1+2) waj (1ª pessoa paucal)
ajwa (1ª pessoa exclusiva)	wa (1ª pessoa singular) waj (1ª pessoa paucal)
Ajka	ka (1ª pessoa singular) kaj (1ª pessoa paucal)
∅ (3ª pessoa)	∅ (3ª pessoa)

Quadro 3: Concordância entre as formas dos pronomes independentes da língua Tapayuna.

De acordo com os dados percebemos que a concordância entre as formas de pronomes independentes na função de tópico e na função de sujeito na língua é muito recorrente.

Percebe-se ainda que a escolha da marca do sujeito é feita de acordo com o número de pessoas envolvidas na situação. Trata-se de um assunto complexo que envolve uma pesquisa mais acurada sobre atos de fala e sobre discurso. Desta forma procuramos aqui demonstrar as ocorrências mais frequentes desta concordância para que, no futuro, possamos examinar este assunto com mais cuidado.

Ainda tratando de pronomes independentes, é apropriado abordar neste trabalho que os dados analisados em (06) e os dados em (07) que serão mostrados no exemplo a seguir, nos levaram à conclusão de que o pronome independente {**kowa**} é uma forma de 1ª pessoa plural inclusiva e não uma forma dual. Os dois exemplos abaixo mostram que a presença desse pronome na oração confirma inclusão de todos, tanto do falante, quanto do ouvinte e de um terceiro.

- (06) a) wahwere **kowa** wōrō wā
 todos 1PLi ir FUT
 'todos nós iremos'
- b) wahwere **kowa** wōrō ket wā
 todos 1PLi ir NEG FUT
 'todos nós não iremos'

Existem orações em que o sujeito é marcado apenas por pronome independente no dual {**ko**} sem a presença do tópico. Nestes dados ele é antecedido pela partícula de tempo passado {**hên**}, e pode co-ocorrer com palavras interrogativas, com o exortativo, dentre outras.

- (07) a) heñ ko wəj
PASS 1+2 chegar
'nós chegamos'
- b) heñ ko aɾ kuŋwa juŋ na wiŋji wi?
Q 1+2 já saber Q TOP jacaré matar
'nós já sabemos quem matou jacaré'
- c) aɲeŋe? kot ko wõ
será Q 1+2 ir
'será que nós vamos'
- d) haru ko ɣghre
EXO 1+2 dançar
'vamos dançar!'

Os pronomes independentes ocorrem também na função de sujeito (**A**) em orações transitivas. De maneira semelhante ao que ocorre em orações intransitivas, o pronome independente topicalizado é seguido do pronome independente codificador de sujeito. Vejamos os exemplos abaixo.

- (08) a) wa -n wa tute wa
1SG TOP 1SG arco pegar
'eu peguei o arco' / Lit.: 'eu, eu peguei o arco'
- b) ka -t ka wiŋji wi?
2SG TOP 2SG jacaré matar
'você matou jacaré' / Lit.: 'você, matou jacaré'
- c) ajwa -n wa wiŋji wi?
1PL TOP 1SG jacaré matar
'nós matamos o jacaré' / Lit.: 'nós, eu matamos o jacaré'
- d) ajka -t ka uhaŋji wi?
2PL TOP 2SG anta matar
'vocês mataram anta' / Lit.: 'vocês, você mataram anta'

Assim como nas orações intransitivas, em orações transitivas o plural inclusivo também é marcado de maneira distinta: o sujeito é codificado pela forma dual {**ko**} e não por um pronome no singular como seria esperado.

- (09) kowa -r ko a- ju- õ tute wa
1PLi TOP 1+2 2SG REL POSS arco pegar
'nos pegamos o seu arco'

Os pronomes independentes podem codificar o sujeito de orações intransitivas (**S**) sem a presença de tópico. Nestes tipos de orações, o pronome dependente (que será visto adiante) ocorre prefixado ao verbo marcando a co-referência com o sujeito expresso pelo pronome independente. Exemplos com o pronome independente no singular sem estar topicalizado:

- (10) a) **wa** **i-** **ɣghre**
 1SG 1SG dançar
 'eu dancei'
- b) **ka** **a-** **th±k** **wã**
 2SG 2SG morrer FUT
 'você morrerá'

Exemplos com o pronome independente no plural:

- (11) a) **ajka** **a-** **wɔɔ**
 2PL 2SG chorar
 'vocês choraram'
- b) **ajwa** **i-** **ɣghre**
 1PLi 1SG dançar
 'nós dançamos'
- c) **ajka** **aja-** **wõrõ** **wã**
 2PL 2PL ir FUT
 'vocês irão'

Os exemplos em (10) e (11) também mostram uma relação de concordância entre as formas dos pronomes independentes com pronomes dependentes.

Quando o tópico e o sujeito são marcados por pronome independente no singular, a ocorrência do pronome dependente, responsável por marcar a co-referência com sujeito, também está no singular. Seguem os exemplos:

- (12) a) **ajwa** **-t** **wa** **i-** **wɔɔ** **kere**
 1PLe TOP 1SG 1SG chora NEG
 'nós não choramos' / Lit.: 'nós, eu não choramos'
- b) **ajwa** **-n** **waj** [tikhre khre kã] **i-** **wã**
 1PL TOP 1PAUC casa buraco LOC 1SG DIR
 'nós estamos dentro da casa' / Lit.: 'nós, nós (poucos) estamos dentro da casa'
- c) **kowa** **-t** **ko** **wa-** **wot** **wã**
 1PLi TOP 1+2 1PLi chegar FUT
 'nós, chegaremos' / Lit.: 'nós, nós (1+2) chegaremos'
- d) **ajka** **-t** **ka** **a-** **wɔɔ**
 2PL TOP 2SG 2SG chorar
 'vocês choraram' / Lit.: 'vocês, você choraram'

Para uma melhor visualização da concordância entre tópico, sujeito e marca de co-referência apresentamos o quadro abaixo:

CONCORDÂNCIA ENTRE AS FORMAS DOS PRONOMES INDEPENDENTES (sujeito) PRONOMES DEPENDENTES (co-referência)		
SUJEITO SINGULAR		CO-REFERÊNCIA SUJEITO SINGULAR
wa (1ª pessoa)		i- (1ª pessoa)
ka (2ª pessoa)		a- (2ª pessoa)
∅ (3ª pessoa)		∅ (3ª pessoa)
SUJEITO PLURAL		CO-REFERÊNCIA SUJEITO
kowa (1ª pessoa inclusiva)		i- (1ª pessoa singular) wa- (1ª pessoa plural)
ajwa (1ª pessoa exclusiva)		i- (1ª pessoa singular) adZi- (1ª pessoa plural)
ajka (2ª pessoa)		a- (2ª pessoa singular) aja- (2ª pessoa plural)
∅ (3ª pessoa)		∅ (3ª pessoa)
CONCORDÂNCIA ENTRE AS FORMAS DOS PRONOMES INDEPENDENTES (tópico e sujeito) PRONOMES DEPENDENTES (co-referência)		
TÓPICO SINGULAR	SUJEITO SINGULAR	CO-REFERÊNCIA SINGULAR
wa (1ª pessoa)	wa (1ª pessoa)	i- (1ª pessoa)
ka (2ª pessoa)	ka (2ª pessoa)	a- (2ª pessoa)
∅ (3ª pessoa)	∅ (3ª pessoa)	∅ (3ª pessoa)
TÓPICO PLURAL	SUJEITO	CO-REFERÊNCIA
kowa (1ª pessoa inclusiva)	ko (1+2) waj (1ª pessoa paucal)	wa- (1ª pessoa plural) i- (1ª pessoa singular)
ajwa (1ª pessoa exclusiva)	wa (1ª pessoa singular) waj (1ª pessoa paucal)	i- (1ª pessoa singular) adZi- (1ª pessoa exclusiva)
ajka (2ª pessoa)	ka (1ª pessoa singular) kaj (1ª pessoa paucal)	a- (1ª pessoa singular)
∅ (3ª pessoa)	∅ (3ª pessoa)	∅ (3ª pessoa)

Quadro 4: Concordância entre os pronomes independentes (tópico e sujeito) e pronomes dependentes (co-referência).

Percebemos então que, nessas orações, o sujeito e a marca de co-referência podem estar indicando a pessoa, enquanto o tópico indica a marca de número do pronome expresso na oração.

Os pronomes independentes ocorrem em orações com a cópula **{ we }**. Nas orações com cópula o sujeito codificado com pronome independente ocorre do mesmo modo que o sujeito de orações intransitivas. A concordância entre os pronomes independentes (sujeito) e pronomes dependentes (co-referência) também é semelhante ao que foi descrito sobre a co-referência com sujeito expresso por pronome dependente. Vemos nos exemplos abaixo que a concordância entre o sujeito e o tópico e a concordância

entre o sujeito e a marca de co-referência com a cópula são semelhantes ao que vimos para as orações intransitivas.

Nas orações com cópula, o pronome independente sempre precede os pronomes dependentes que ocorrem prefixados à cópula {*we*}. Vejamos os exemplos:

- (12) a) *ajwa -t wa i- wəɾə kere*
1PL_e TOP 1SG 1SG chora NEG
'nós não choramos' / Lit.: 'nós, eu não choramos'
- b) *ajwa -n waj [tikhre khre kã] i- wã*
1PL TOP 1PAUC casa buraco LOC 1SG DIR
'nós estamos dentro da casa' / Lit.: 'nós, nós (poucos) estamos dentro da casa'
- c) *kowa -t ko wa- wot wã*
1PL_i TOP 1+2 1PL_i chegar FUT
'nós, chegaremos' / Lit.: 'nós, nós (1+2) chegaremos'
- d) *ajka -t ka a- wəɾə*
2PL TOP 2SG 2SG chorar
'vocês choraram' / Lit.: 'vocês, você choraram'

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos as línguas indígenas apresentam critérios morfossintáticos ímpares para a comunidade científica. Os pronomes pessoais independentes na língua Tapayuna pertencem à classe de Elementos Pronominais por perceber-se os diferentes critérios de funcionamento sintático e estrutura morfológica de cada “tipo pronominal” encontrado na língua. Dispomos aqui alguns aspectos morfossintáticos dos pronomes independentes e suas relações com os atos de fala dos indivíduos falantes da língua e a comunidade local. Vemos assim a grande importância da pesquisa Funcional – Tipológica a qual preocupa-se com o uso da língua em si, ela descreve o fato linguístico de forma clara e objetiva. Assim, procuraremos, a partir dos estudos aqui apresentados, aprofundar a análise a partir dos fatos encontrados na sociedade de fala tapayuna dentro da aldeia Kawêrêtxikô para que possamos explicar de forma clara a ocorrência do “jogo pronominal” nos dados apresentados.

Assim, podemos afirmar que, além da importância desses estudos para a comunidade linguística e científica de forma geral, tal pesquisa e informação e de primordial importância para a Documentação e Revitalização dessas línguas atualmente.

REFERÊNCIAS

AIKHENVALD, A.Y & DIXON, R.M.W. (ed.). **Studies in evidentiality**. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam, Philadelphia. 2003.

ALMANAQUE SOCIOAMBIENTAL PARQUE INDÍGENA DO XINGU. **50 anos. Instituto Socioambiental (ISA)**. São Paulo. Instituto Socioambiental, 2011.

- ALVES, F. C. **O Timbira falado pelos Canela Apãnikrá: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê**. 2004. 177p. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp / IEL. 2004.
- BAHT, D. N. S. **Pronouns**. Oxford University Express Inc. New York. 2004.
- CAMARGO, N. S. Aspectos Fonológicos da Língua Tapayuna. Dissertação (mestrado). Unicamp. Campinas, SP. 2010.
- _____. **Tapayuna (Jê): aspectos morfossintáticos, históricos e sociolinguísticos**. Tese (Doutorado) Unicamp. Campinas, SP: [s.n], 2015.
- _____; TRINDADE, N. S. Aspectos Históricos, Socioculturais e Sociolinguísticos do povo Tapayuna / Historical, Sociocultural and Sociolinguistic of the Tapayuna People. *In. Revista Espacios*. 2017.
- COMRIE, B. **Language Universals and Linguistics Typology**. 2ª Ed. Oxford Basil Blackwell. 1989.
- CUNHA, M. C. da. (Org.). **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP. 1992.
- DAVIS. I. Comparative Jê Phonology. *In: Estudos Lingüísticos. Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, , Vol. I, n. 2. 1966: 10-24.
- DIXON, R. M. W. **Ergativity**. *Language*. 1979: 55,59-138.
- . **Ergativity**. Cambridge: Cambridge University Press. 1994.
- DOURADO. L. **Aspectos Morfossintáticos da Língua Panará (Jê)**. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. 2001.
- FERREIRA, M N. O. (2003). **Estudo morfossintático da língua Parkatêjê**. Campinas: Unicamp. (Tese de Doutorado).
- FRANCHETTO, B. **Laudo Antropológico. A ocupação indígena da região dos formadores e do alto curso do Rio Xingu (Parque Indígena do Xingu)**. MS. não publicado.1987.
- _____. O que se sabe sobre as línguas indígenas no Brasil. *In: Povos indígenas no Brasil*. RICARDO, C. A. (org.). São Paulo, Instituto Socioambiental, 2000. p.84-88.
- GIVÓN, T. **Syntax: A functional-typological introduction**. Vol. 1. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins. 1984.
- _____. **Syntax: An Introduction. Vol. I e II**. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam, Philadelphia. 2001.
- KIBRIK; A.E. **The Methodology of Field Investigations in Linguistics**. The Hague: Mouton, 1977.
- LEA, Vanessa R. **Kapoto: Laudo Antropológico**. Campinas: Unicamp, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1997.
- MELATTI, Júlio Cezar. **Índios do Brasil**. Brasília, Coordenada – Editora de Brasília, 1970.
- MOORE, GALUCIO, GABAS Jr. O desafio de Documentar e Preservar as Línguas Amazônicas. **Revista Scientific American**, 2008, VOL 3.

- NICHOLS, J. & WOODBURY, A. C. (ed) (1985). **Grammar inside and outside the clause**. Cambridge: Cambridge University Press.
- NIMUENDAJÚ, C. **Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendajú**. Rio de Janeiro: IBGE. 1981.
- OLIVEIRA, C. C. **A marcação não-canônica de argumentos na oração Apinaje**. ENANPOLL. 2008: 2-22.
- PAYNE, Thomas E. **Describing morphosyntax: a guide for field linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- RIBEIRO, D. **Os Índios e a Civilização. A integração das populações indígenas do Brasil moderno**. Petrópolis: Ed. Vozes Ltda. 1977.
- RODRIGUES, A.D. **Línguas Brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Edições Loyola. 1986.
- **Para o Estudo Histórico-Comparativo das Línguas Jê**. In: SANTOS, L. dos. & I. PONTES (Orgs.). 2002: 1-14.
- **A originalidade das línguas indígenas brasileiras** [conferencia realizada na inauguração do laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília e 08 de julho de 1999]. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas, 1999a, 17 p. Disponível em: <http://www.laliunb.com.br>. Acesso em 23 de março de 2014.
- **Macro-Jê**. In: Dixon, R. M. W. & Aikhenvald, A. Y. **The Amazonian Languages**. Cambridge: Cambridge University Press. 1999b: 165-206.
- SALANOVA, A.P. **A Nasalidade em Mëbêngôkre e Apinayé: O limite do vozeamento soante**. Dissertação (mestrado). UNICAMP. Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP. 2001.
- SANTOS, L. C. dos. **Descrição de Aspectos Morfossintáticos da Língua Suyá (Kisêdjê) Família Jê**. 1997. 179p. Tese de Doutorado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. 1997.
- SCHACHTER, P. & SHOPEN, T.. **Parts-of-speech systems**. In: SHOPEN, T. (Org.) **Language typology and syntactic description**. Cambridge: Cambridge University Press. vols. I. 2007, p. 1 - 60.
- SCHWADE, E. Mozarildo e a Missão Caller. In: **Agência de Informação Frei Tito par América Latina - Adital**: Em: <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=36378>. Acesso em: 22 de janeiro de 2010.
- SEEGER, A.. **Os índios e nós: estudos sobre sociedades tribais brasileiras**. Rio de Janeiro: Editora Campus. 1980.
- SEKI, L. **Marcadores de pessoa do verbo Kamaiurá**. Caderno de Estudos Linguísticos 3. UNICAMP. Campinas, SP. 1982: 22-40.
- **Evidências de Relações Genéticas na Família Jê**. In: **Estudos Lingüísticos XVIII**, Anais: 36º Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo. Lorena, 1989: 604-611.
- **Problemas no estudo em línguas em extinção**. Boletim da ABRALIN, 6. 1984: 109-118. Disponível em: http://www.biblio.etnolingustica.org/seki_1984_problemas/. Acesso em: 27 de março de 2018.
- **Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu**. Campinas-SP: Editora Unicamp, 2000.

----- . **O krenak (Botocudo/ Borum) e as línguas Jê**. In: SANTOS. L. dos. & PONTES (Orgs.), 2002, p. 15-40.

SHOPEN, T. (ed.) **Language typology and syntactic description**. Cambridge: Cambridge University Press. Vols. I, II e III. 2007.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-85107-12-3



9 788585 107123